



# ATIVIDADES ANTRÓPICAS SOBRE AS POPULAÇÕES DE PREGUIÇA - COMUM (*BRADYPUS VARIEGATUS*, SCHINZ, 1825) EM RIO TINTO, PB

ENEDINO, T.R.

COELHO, F.R. P., CASTRO, C. S.S.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Engenharia e Meio Ambiente, Laboratório de Ecologia Animal. Rua Manuel Gonçalves, S/N. CEP: 58.297 - 000 Rio Tinto, Paraíba, Brasil, E - mail: thayzsuzuky@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A preguiça comum, *Bradypus variegatus*, é um mamífero da ordem Xenarthra (Edentata), família Bradypodidae. As preguiças do gênero *Bradypus* possuem uma distribuição Neotropical e estão presentes nas florestas que se estendem desde o sul da América Central ao norte da Argentina (Emmons & Feer, 1997). As preguiças são reconhecidas por sua lentidão, sendo assim a destruição do seu habitat permitiu deixá-las ainda mais expostas à ação predatória do homem (Azarias, *et. al.*, 2006). Atualmente, a ação do homem sobre estes animais tem sido muito facilitada, nos últimos tempos, pela acelerada fragmentação e destruição das matas nas regiões do nordeste brasileiro, o que leva as preguiças a se locomoverem desajeitadamente pela superfície do solo, em busca de sobrevivência, ficando totalmente exposta à caça e à captura (CEPLAC, 2010). Em diversas culturas indígenas das Américas do Sul e Central, as preguiças são utilizadas como recurso alimentar e na medicina popular para cura de várias doenças (Gilmore, 1986). A crescente pressão de caça representa uma ameaça às preguiças, sendo muitas delas vendidas como animais de estimação em feiras livres (Neto, 2000). No município de Rio Tinto preguiças da espécie *Bradypus variegatus* são encontradas em fragmentos de florestas e em áreas urbanas tais como na praça João Pessoa, onde estão a igreja matriz, algumas residências, barzinhos, restaurantes e outros estabelecimentos comerciais.

## OBJETIVOS

O estudo visou identificar as principais atividades antrópicas sobre populações de preguiças no município de Rio Tinto, PB, a fim de subsidiar ações de educação ambiental.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no município de Rio Tinto, localizado no litoral norte, a 60 Km de João Pessoa, capital da Paraíba (06°4'23.29"S, 35°04'30.54"W). Apresenta uma área de 466 Km<sup>2</sup>. O clima é tropical quente úmido e apresenta precipitação média anual de 1.634.2 mm (CPRM, 2005).

Foram aplicados questionários semi-estruturados com questões abertas e fechadas aos moradores e comerciantes da praça João Pessoa, no centro de Rio Tinto e Vila Regina onde reside parte da comunidade indígena. Os dados foram analisados de forma quantitativa, por meio do cálculo de percentagens.

## RESULTADOS

Do total de 21 questionários aplicados, foram entrevistados 10 moradores e comerciantes na praça João Pessoa e 11 moradores indígenas e não indígenas na Vila Regina. Quanto ao conhecimento dos entrevistados com relação às preguiças, 50% dos moradores da praça e 75% dos residentes na Vila Regina, afirmam que as preguiças se alimentam principalmente de fo-

lhas. Mesmo sem acesso ao conhecimento científico os entrevistados demonstraram conhecer o hábito alimentar das preguiças. Ao serem perguntados aonde são encontradas preguiças em Rio Tinto, 56% dos entrevistados da praça e 22% dos entrevistados da vila identificaram a praça João Pessoa como o local de ocorrência mais freqüente, já 17% dos entrevistados na praça e 7% na vila Regina afirmaram que vêem preguiças também na praça Castro Alves, localizada à um quarteirão da praça João Pessoa. 50% dos entrevistados, tanto da vila como da praça, declararam nunca ter tocado em uma preguiça e apenas 8% dos habitantes da vila já colocaram filhotes de preguiça perdidos nas costas das mães. Tais locais de identificação da presença das preguiças têm relação com o histórico da cidade de Rio Tinto que ficou conhecida como “Vila das Preguiças” em virtude do grande número de preguiças presentes. Atualmente as praças abrigam pequenas populações de preguiças. A maioria dos entrevistados da praça (60%) nunca viu uma preguiça morta nem confeccionam amuletos e remédios, porém 10% alegaram ter consumido a carne da preguiça. 73% dos moradores da Vila Regina afirmaram nunca terem visto preguiça morta, já 41% confessaram consumir a carne, 18% produzir amuletos e 12% fazer remédios caseiros. 90% dos entrevistados na praça nunca caçaram preguiças e na vila 29% confirmaram exercer tal atividade. A Vila Regina é habitada por índios Potiguaras que caçam as preguiças e as vendem em feiras livres. Os índios utilizam partes da preguiça como as unhas para tratamento de asma e a banha para reduzir as dores provocadas pela caxumba, papeira e para inchaços. Na região do nordeste brasileiro especificamente em Alagoas uma comunidade indígena usa a banha da *Bradypus variegatus* na cura de processos reumáticos e dores em geral. A banha é aquecida para extração do óleo que é colocado sobre a picada de insetos e de escorpiões (Branch & Silva, 1983). Pescadores artesanais do sul de Alagoas usam a unha ou couro da preguiça como defumador para tratamento de asma e derrame (Silva & Marques, 1996).

## CONCLUSÃO

Os dados obtidos apontam a caça como principal atividade antrópica que gera impacto negativo sobre as populações de preguiça - comum, evidenciando a necessidade de implantação de ações de educação ambiental junto à comunidade da praça e da vila Regina.

## REFERÊNCIAS

- AMA - Associação de Defesa do Meio Ambiente do Médio Paraíba. Projeto preguiça Valença - RJ, 2011. Acesso: 19 de abril de 2011. <http://www.amamedioparaiba.xpg.com.br/preguiça.html>.
- Azarias, Rose e. G. R. et.al. 2006. Morfologia dos dentes do bicho - preguiça de coleira (*Bradypus torquatus*), Illiger, 1811. ISSN: 0103 - 1643. Biotemas, 19 (4): 73 - 84p. Branch, I. C; Silva M. F. 1983. Folk medicine of Alter do chão Pará, Brasil. Acta Amazônica 13(5 - 6): 737 - 797p. CEPLAC. Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. Projeto bicho - preguiça, 2010. Disponível: <http://www.ceplac.gov.br/preguiça/bioecologia.htm>. Acesso: 20 abr. 2011.
- CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Programa de desenvolvimento energético dos estados e municípios. 2005, Recife, Setembro, 4 - 22 p.
- Emmons, L. H.; Feer, F. 1997. Neotropical Rainforest Mammals: a field guide. Chicago: The University Of Chicago. 307p.
- Figueiredo, N. 1994. Os bichos que curam: os animais e a medicina de folk em Belém do Pará. Bol. Mus. Paraense. Emílio Goeldi 10 (1): 75 - 91 p. Serie antropologia.
- Gilmore, R. M. 1986. Fauna e etnozologia da América do Sul tropical. Em: Ribeiro D (Ed.) Suma etnológica brasileira, Etnobiologia. Vozes/FINEP, Petrópolis, 189 - 233p.
- Neto, E. M. C. 2000. As interações homem/xenarthra: Tamanduás, preguiças e tatus no folclore Ameríndio. Actual Biol. 22 (73): 203 - 213.11p.
- Silva, G. A. & Marques J. G. W. 1996. Mamíferos ameaçados de extinção utilizados na medicina popular do estado de Alagoas. Em: 21º Congresso Brasileiro de Zoologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Resumo 259p.